



Cachoeirinha, 29 de Outubro de 2008



Copom enfrenta o seu maior desafio na era Lula

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, resumiu, ao sair de reunião com o presidente Lula e o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, as aflições do governo com o momento econômico.

Primeiro o ministro reconheceu que haverá retração na atividade mundial e depois foi direto ao ponto: "e até mesmo uma recessão". Mantega enumerou, sem hierarquia, os impactos desse quadro no Brasil, manifestando muita preocupação com a escassez de crédito, em especial para exportação, sem esquecer a "irrigação de crédito no setor agrícola", insistindo em que o governo ative linhas nesse rumo, ao mesmo tempo que reconheceu que falta capital de giro para pequenas e médias empresas e para a indústria automobilística. E concluiu com a recomendação de que a população deve "continuar consumindo para não prejudicar a atividade".

Merece registro que esse quadro não se alterou, mesmo depois que o Fundo Monetário Internacional (FMI) comunicou o fechamento de acordos de apoio financeiro para Ucrânia, Hungria, após o acerto fechado com a Islândia. Pela primeira vez em sua história, a Bolsa de Seul abriu sabendo que o governo cortara o juro básico para inéditos 2,5%.

Com o cenário externo nesse grau de incerteza, o Comitê de Política Monetária (Copom) se reúne hoje para discutir o futuro imediato da taxa Selic, atualmente em 13,75%. Habitualmente discreto, Meirelles desta vez preferiu emitir sinais de que ou a taxa permanece imóvel ou baixará. Diferentes observadores já notaram que o discurso do BC ficou menos independente do Planalto e bem mais acessível aos que primeiro demonstram preocupação com a crise externa e com o nível de atividade e depois com o controle inflacionário.

Com o acelerado ritmo de valorização do dólar, são óbvios os sinais de pressão inflacionária. Mas tudo indica que o Copom dará tratamento de emergência para a escassez de crédito, para o ritmo de atividade, e deverá flexibilizar a política monetária, irrigando a economia com todos os reais que forem necessários, como não se cansa de repetir o presidente Lula.

A era Meirelles no Copom enfrenta, portanto, o seu maior desafio. A ortodoxia ensina a controlar a inflação, mas não a decidir entre ela e medo do futuro.

Para ver mais notícias ou artigos, acesse www.rahde.com.br

Avenida Flores da Cunha, 1320, conj. 209 - Tel.: (51) 3470.4043 - auditor@rahde.com.br